FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES: MEMÓRIA, PERCEPÇÕES E CONTEXTOS REFERENCIAIS.

TEACHER'S GRADUATION AND WORK: MEMORY, PERCEPTION AND CONTEXT ABOUT REFERENCES

[1]Neli Klix Freitas-UDESC

RESUMO: O artigo propõe-se a abordar a temática da formação de professores, envolvendo a memória e as percepções que integram a dimensão cognitiva de cada um. São considerados os contextos referenciais, que funcionam como uma espécie de moldura, presentes na vida de cada professor, integrando sensações de prazer, desprazer, satisfação ou insatisfação nas experiências e as vivências. O artigo foi elaborado com base na pesquisa desenvolvida pela autora sobre o tema. Foram participantes 15 professores que exercem a docência em escolas públicas no ensino médio, em Florianópolis. Os dados foram coletados com base no método da história de vida de cada professor, escrita pelos mesmos. Os dados da pesquisa possibilitaram a identificação e análise de significados das vivências, da formação e do exercício da docência dos participantes, em uma articulação que contempla elementos perceptivos, cognitivos e afetivos presentes na formação e no trabalho docente, considerando cada professor como sujeito do processo educativo.

Palavras-Chave: Trajetórias de Mestres. Cognição. Afetividade. Significados

ABSTRACT: The purpose of the article is the approach of teacher's formation based on the research about perceptive and cognitive process in teacher's experiences, and in his formation and life. The subjects are 15 teachers in public schools in Florianópolis city. The method is the life history constructed in the narratives on the subject, focused the formation and the way of teacher experience in schools. The results confirmed the association between perceptive and cognitive process, and affectivity manifestation in the formation and teacher's work with subject of education purpose.

Key Words: Teacher's Trajectory. Cognition. Affectivity. Signification.

[1] Doutora em Psicologia (PUCSP 1997). Formação em Educação, Psicologia e Artes. Docente Efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina. Docente Permanente do PPGAV –Mestrado, na Linha de Ensino.

Introdução

O artigo apresenta dados de uma pesquisa sobre formação docente, que teve como foco as dimensões perceptivas, cognitivas, sensíveis e afetivas relacionadas com as vivências, com a formação e com o trabalho na trajetória dos docentes. Na formulação do problema questiona-se como recuperar a capacidade de resgatar lembranças inseridas na memória e história de cada um. Essas lembranças remetem aos vínculos estabelecidos ao longo da vida, bem como às experiências e vivências no exercício da docência, e se manifestam através da linguagem, verbal e textual. A pesquisa com a história de vida, neste caso, com foco na trajetória profissional constitui-se em um desafio para o pesquisador porque envolve relações entre teoria e prática, bem como dimensões que contemplam vivências particulares durante a formação. São dimensões éticas, sensíveis, que relacionam estética, sensibilidade, afetividade com a formação e com o trabalho cotidiano, em interação com a sociedade e com a cultura. Não são isoladas umas das outras, e interferem tanto na aprendizagem, quanto no exercício da profissão. As leituras que fundamentam a pesquisa são de natureza interdisciplinar, contemplando diálogos com autores e interações entre os participantes da pesquisa, os professores, como atores sociais, como sujeitos do processo de produção e de aquisição de conhecimentos. São múltiplos os convites para olhar em várias direções. Mudar vértices de olhar, e é nesta perspectiva que buscamos leituras, que permitam articulações entre vida, história, memória e trabalho. No caso dos sujeitos desta pesquisa, vida e trabalho de professores.

O distanciamento entre saber e saber fazer, muitas vezes presente na formação pode resultar da expropriação de bens materiais e culturais, que leva ao empobrecimento da experiência humana na contemporaneidade. Alia-se a isto a infantilização da criança, que acarreta a necessidade de trazer o debate ético e estético nas escolas (KRAMER, 1993).

Os professores necessitam de domínios distintos, que envolvem programas de capacitação e formação continuada, o que assinala para outros desafios, que incluem tempos e espaços: tempo para aprender e tempo para ensinar, para conviver; espaços ampliados para o trabalho, para novos desafios, para a busca de novas competências, para a construção de novos conhecimentos. Esses desafios inserem as representações mentais e sociais

As funções mentais superiores tipicamente humanas, como a percepção, a capacidade de internalização, a imaginação, a memória, as emoções, implícitas na cognição manifestam-se pela imagem e por distintas linguagens. Não são inatas, mas tem origem nas relações entre indivíduos humanos, e se desenvolvem ao longo da vida, e resultam em aprendizagens. Nesta dinâmica, a linguagem possui um importante papel. Para tornar-se leitor e escritor vivo, o professor necessita ser ele mesmo leitor e escritor, o que considera não somente aspectos econômicos, políticos e sociais, não apenas aspectos psicológicos e antropológicos, como ainda fatores éticos e estéticos das experiências, tendo em vista o ser humano inserido na história e na cultura, articulando no cotidiano vida e trabalho. Outra questão que se apresenta na pesquisa refere-se às indagações sobre as experiências de narrativa, de leitura e de escrita dos

professores. As teorias críticas da cultura e da modernidade permitem aproximações com vistas à compreensão das experiências de leitura e escrita e da identificação de conhecimentos construídos. Esses têm relação com as interações estabelecidas, das quais existem simultaneamente lembranças e novas possibilidades de articulações com a cultura e com o conhecimento. É nessa dinâmica que se estruturam as representações mentais e as representações sociais. A partir daí pode-se compreender a existência de uma interação dialética do homem com seu meio sócio-cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo. Há um espaço dinâmico e contínuo de construção, de desconstrução e reconstrução ao longo da vida, onde a linguagem é essencial, uma vez que comunica e, ao mesmo tempo organiza e reorganiza as experiências e o conhecimento através de registros que permanecem vivos na memória. Observa-se a integração de aspectos biológicos e psicossociais do indivíduo, que estão presentes na estruturação das representações que cada um tem da realidade, das experiências, dos objetos, dos acontecimentos. (VYGOTSKY, 1984; 1986; 1996; 2001).

Os processos mentais superiores do ser humano possibilitam a estruturação das representações das coisas, e estas permitem uma compreensão dos objetos, dos acontecimentos. Surgem da interação entre fatores biológicos, que são parte da constituição física do Homo Sapiens com os fatores culturais, e que evoluíram através de milhares de anos da história humana (LURIA, 1992).

Isto quer dizer que o desenvolvimento humano não é dado a priori, não é imutável, não há passividade, nem independência do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana. “A cultura é, portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações” (REGO, 2004, p.42).

Pode-se apreender que há imagens iniciais decorrentes de momentos mais primitivos da vida, denominadas por Piaget (1974) e por Wallon (1976) de imagens-lembrança. Integram a função semiótica, que se estrutura e se manifesta através de diferentes formas de linguagem. Essas não são estáticas, mas passam por transformações ao longo da existência. Ao abordar a consciência humana é importante lembrar que o desenvolvimento mental ocorre em íntima conexão com o contexto social, que é mutável como a própria vida.

No que se refere às imagens iniciais pode-se falar também em lembranças inseridas na memória, ligadas tanto às questões afetivas presentes na história, quanto às racionais. Seres humanos têm a capacidade de adentrar na essência das coisas. Durante o seu desenvolvimento existe um percurso singular. Pelas diferenças e nas diferenças deflagra-se tudo aquilo que é particular, que se revela na expressão de linguagens também pertinentes a cada sujeito: verbal, visual, corporal, musical, dentre outras.

Pasolini (1990), cineasta, artesão da imagem e, por isso mesmo capaz de perceber o poder sutil da lente de uma câmara, ao efetuar um desvelamento da face oculta da realidade, oferece uma análise sobre o mundo dos objetos criados pelo homem no

mundo em suas diferentes profissões e trajetórias. A linguagem desempenha um papel primordial. Nesse aspecto, suas idéias coincidem com as de Benjamin (1987). É possível ler e decifrar, nas coisas, nos objetos, paisagens, gestos, atos, palavras códigos da cultura. A questão reside no fazer falar esse mundo das imagens e das coisas, que agem sobre as pessoas, revelando um potencial de sentido, que se desvela pela e na linguagem. A leitura da imagem, assim como da realidade ocorre pela via da palavra, assim como os significados das vivências se evidenciam também com as palavras. ”As primeiras lembranças da vida são visuais. A vida, na lembrança, torna-se um filme mudo. Todos nós temos na mente a imagem que é a primeira, ou uma das primeiras da vida. Pela palavra, o significado da imagem pode ser revelado” (PASOLINI, 1990, p.63).

A educação que uma criança recebe dos objetos, das imagens, da vida, da realidade física, dos fenômenos materiais de sua condição social torna-a corporalmente aquilo que é. Educa-se o corpo, como forma de expressão do espírito. “A primeira imagem da minha vida é uma cortina, branca, transparente, que pende de uma janela que dá para um beco escuro e triste. Essa cortina me aterroriza e me angustia. Nela se resume e toma corpo o espírito da casa em que nasci” (PASOLINI, 1990, p.71).

As primeiras impressões são sensoriais: táteis, olfativas, gustativas, sonoras. Mas, são significativas, uma vez que se inserem na história de vida de cada um, pelos registros que ficam na memória. Assim, na história de cada um os pensamentos percorrem vias de acesso a pensamentos ainda não pensados, envoltos pelas aspirações e vinculados com o desejo: desejo de ser, de realizar, de conviver. É a constante busca humana pela realização, pela felicidade, que envolve processos psicológicos superiores, tais como a percepção, a imaginação, as representações mentais (VYGOTSKY, 1984).

Segundo Vygotsky (1984; 1996; 2001) existe um percurso singular para cada ser humano e para cada contingência humana. Todas as formulações humanas são feitas a partir do convívio com o meio, motivadas pelas interações sociais. Mas, as trajetórias são particulares, uma vez que cada um apropria-se do meio, da sociedade e da cultura de acordo com suas sensações, percepções, imaginações, que constituem uma trama conceitual articulada e implícita na construção do conhecimento. As representações mentais, funções psicológicas tipicamente humanas permitem a permanência dos objetos e das vivências mesmo diante de sua ausência. Mas, até por serem humanas, são próprias a cada sujeito, e não há representações mentais idênticas.

É interessante observar que, mesmo nas proposições matemáticas que focalizam o máximo de objetividade, o percurso dos pensamentos de vários sujeitos nem sempre trilha os mesmos caminhos. É nessas diferenças que se deflagra tudo aquilo que é mais particular e que revela a expressão de linguagens distintas, pertinentes à singularidade dos sujeitos que, ao questionar e ao responder põem em ação a dinâmica da criatividade. (VASCONCELLOS, 2002).

Dialogando com Bakhtin, Benjamin, Vygotsky, dentre outros estudiosos é possível chegar ao tema central das reflexões que permeiam as associações entre significado, linguagem e sentido. A linguagem oral e es-

crita possibilita a expressão, e permite adquirir consciência da realidade, da vontade de construir uma escrita que incorpore o rigor na busca do conhecimento e a beleza da forma na expressão dos achados. No campo da expressividade, a linguagem permite o acesso à polissemia de significados, à dialogicidade, que se manifesta e se exprime na constituição da consciência em sua dimensão libertadora.

Para Bakhtin (1976) a linguagem é um tipo especial de expressão humana que possui características próprias. A dimensão estética está presente na linguagem porque integra as formas de comunicação que são ao mesmo tempo individuais e sociais. A linguagem, em sua dimensão estética integra uma fala interior dos interlocutores, e uma fala exterior, assimilada do contexto sócio-cultural e econômico no qual está inserida. Para o autor é ingênuo acreditar que se possa assimilar como própria uma fala externa, que seja contrária à fala interior, isto é, que seja contrária a toda a maneira verbal interior de se ser consciente de si próprio e do mundo. Todo o ato consciente é um ato social e comunicativo. O autor possibilita a reflexão sobre distintas linguagens humanas, que podem ser articuladas como linguagens verbais e não-verbais. Nas duas modalidades a criatividade possibilita diferentes interpretações das experiências.

Na perspectiva do trabalho humano, as diferentes formas de linguagem ativam os processos criativos e a expressividade. Mas, de modo nenhum se afirma que isto não se trata de conhecimento. Basta estudar a História da Humanidade para identificar os vínculos existentes entre inquietações humanas, existenciais e/ou espirituais para constatar que as grandes descobertas e criações sempre despontaram no bojo de contextos permeados por crises e conflitos. A realização de descobertas nunca se afigurou aos homens como divertimento ou lazer, mas sim, como resposta a um real desafio. A sensibilidade é uma necessidade de nosso ser, tão premente quanto as necessidades físicas, pois se encontra intimamente vinculada aos processos criativos humanos. A prova disso é o fato irrefutável de todas as culturas na história da humanidade, todas elas sem exceção, desde o passado mais remoto até os tempos presentes, terem criado obras de arte, em pintura, escultura, música, dança, poesia, literatura, como expressões da essencial realidade de seu viver - uma realidade bem mais ampla do que a utilitarista (BENJAMIN, 1993).

Além da arquitetura do cérebro, ou dos circuitos cerebrais, ou ainda da bioquímica do metabolismo, o espaço que circunda os seres humanos contém o conteúdo de experiências humanas. As crianças começam a vida olhando para as coisas e tocando-as; todas têm que engatinhar, sentar e ficar de pé antes de poder andar, e essa ordenação está presente no desenvolvimento. E, são sempre novos espaços e tempos que descobrem e nos quais se descobrem. As interpretações dos espaços e tempos são traduzidas por diferentes linguagens: verbal, lógico-matemática, artística visual, musical, corporal, dentre outras (GARDNER, 2000; VTGOTSKY, 1996).

Os significados emergem em contextos constituídos pelas vivências e percepções humanas. Esses ao se relacionarem entre si e com o conjunto que caracteriza a vida de cada um articulam e dão forma a uma gama de sentimentos e ações que se inserem nas trajetórias de vida, relacionando-se com a identidade. Nunca são fixos, como “isso sig-

nifica aquilo". Ao contrário, cada ser humano dá sentido a uma gama de experiências de sua trajetória, de acordo com as interações sociais. Os significados valem naquele contexto, naquela situação. Quando surgem desafios, mudanças no cotidiano, os significados se alteram, as percepções se modificam. (VYGOTSKY, 1986; 2001).

Com essa compreensão a partir da literatura consultada, em uma reflexão sobre a história de vida e da formação de professores, pode-se apreender que há múltiplas questões envolvidas. Professores trabalham diretamente com a infância, e encontram desafios éticos e estéticos permanentes nessas relações que são estabelecidas no cotidiano da escola. É importante problematizar como a sociedade vê a criança, e como concebe o que é uma criança, o que implica em uma distinção entre criança e infância. A infância não é somente uma passagem pelo ciclo de vida, mas sim uma categoria permanente na vida dos seres humanos. (ARIÈS, 1981).

Seguindo este modo de pensar sobre o ser humano, no ato simultâneo de interpretação e percepção, os contextos sobre os eventos sempre reúnem certos dados já conhecidos (portanto, reconhecidos), a outros dados inferidos, como sendo prováveis nessas circunstâncias. Os contextos funcionam como uma espécie de moldura delimitadora e seletiva ao mesmo tempo. Selecionam-se alguns estímulos, avalia-se, tendo como referência essa moldura imaginária. Os contextos projetados pelos seres humanos mudam de instante para instante, em um gesto ou movimento que se faça, em um piscar de olhos, em um desvio da atenção, ou mesmo em uma imagem que passou voando pela cabeça. Portanto, mudam continuamente os próprios referenciais com os quais cada ser humano se identifica, e que envolvem as informações e as interações. Para Wallon (1979), é como se, a cada vez, as regras do jogo fossem modificadas. No entanto, a maioria dos seres humanos não se perde. Pelo menos, pode não se perder, o que evidencia a extraordinária flexibilidade da mente humana e seu poder imaginativo. A condição humana sensível, inteligente, consciente representa um potencial que é simultaneamente inquietante, desafiador e questionador.

Ao longo da história da humanidade, a ciência busca afirmação através de avanços e recuos, especialmente no que se refere á valorização da formação humana vinculada estreitamente à realização pessoal, às emoções, percepções e sensibilidades. Avançou-se muito na metodologia que possibilita ver o mundo externo, lá fora. Mas é necessário voltar o olhar para uma ciência que permita o acesso ao mundo interno, de dentro, conectado intimamente com o externo (KRAMER, 1993).

Isso possibilita compreender o funcionamento intelectual, a consciência e o processo de construção do conhecimento. São questões relevantes quando se reflete sobre o tema da formação e da prática de professores. Há uma conexão com a vida, com a história, com a cultura. Auto-organização, reconstrução, linguagem são fios que tecem a realidade. Realidade incerta, encantada, a ser construída pelos sujeitos, atores e construtores de suas vidas. Nada é já dado. Tudo está aí para ser construído, em cada momento de vida. Essa lógica admite a transversalidade do conhecimento e da essência. A incerteza é uma constante, mas substitui em parte, a lógica racional. Aliar a formação humana à qua-

lificação, à formação continuada que engloba a tecnologia e os saberes já construídos significa um passo além, mas ainda constitui-se em um desafio, que integra razão, emoção e linguagem.

Percurso Metodológico

Foram participantes dessa pesquisa quinze professores do ensino médio, de escolas públicas de Florianópolis. Estes professores possuem cursos de graduação distintos: 7 são graduados em Pedagogia; 3 em Psicologia, 3 em Letras e 2 em História. São professores que tem entre 5 e 10 anos de experiência docente, todos com curso superior completo. O instrumento empregado na pesquisa foi uma entrevista semiestruturada e a redação da história de vida, com ênfase na formação e trajetória profissional. É então, a história da formação do trabalho docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que compreende relatos pessoais e biográficos de cada sujeito. Nesta pesquisa, cada participante escreveu a sua. O método empregado na análise das histórias escritas foi a Análise de Conteúdo. Foram observados os pressupostos recomendados por Bardin (1977), que são: leitura minuciosa do material, identificação das unidades de registro (UR), categorização e interpretação. Foram identificadas três categorias de análise:

1. Lembranças: vivências, formação, escolha dos cursos de graduação, e interações sociais.
2. Trabalho docente:a formação que se atualiza.
3. Cognição, sensibilidade, memória, linguagem e conhecimento: Articulações.

Primeira Categoria: Lembranças: vivências, formação e escolha dos cursos de graduação, e interações sociais.

Os professores falaram sobre sua própria vida, sobre suas famílias de origem, seus hábitos, lembranças consideradas como positivas e outras consideradas como negativas. Envolvem desde festas de aniversário, encontros e desencontros com pessoas queridas, perdas, doenças, dentre outras. Vincularam vivências anteriores com as escolhas dos cursos de graduação. Todos os participantes lembraram de sua formação com emoção, contemplando nesta narrativa seus professores, tanto aqueles que consideram mais exigentes, e os mais flexíveis, assim denominados. Uma professora falou:

Minha professora de Didática era muito exigente. Não permitia qualquer atraso em suas aulas. Chegava a fechar a porta com uma chave, e ninguém conseguia entrar cinco minutos depois do início. Na época, isto incomodou a todos. Hoje, percebo que também me incomodo quando alguém atrasa.

A solidão dos professores foi citada como sendo um fator que prejudica as relações na escola. O isolamento decorrente da falta de convivência com outras pessoas também foi um relato presente. Relacionam esta questão com a vida atual nas cidades maiores, com o modo apressado de vida que caracteriza nossos tempos.

Moro com duas amigas, mas cada uma fica em seu quarto. Conversamos nos finais de semana, isso quando não viajamos para nossas cidades no interior, para visitar os pais. Conheço poucas pessoas do condomínio, quase ninguém.

No que se refere à profissão, uma das

participantes falou:

Ninguém conversa nas escolas, cada um fica com sua turma, ou na sala até mesmo nos intervalos. A direção fica observando tudo, e penso que isto afasta, cria um distanciamento. Percebo que cada colega resolve seus problemas em sala de aula, e não há troca de experiências, a não ser quando existe alguma capacitação.

Alguns professores valorizam os cursos de capacitação docente, considerando que são essenciais. Outros pensam o oposto:... *não sobra tempo para a família, porque os cursos acontecem à noite, ou nos finais de semana.*

Referiram pessoas da família, que também são professores. Alguns falaram sobre os vínculos com os pais, professores, com a cidade de origem, com relações e vivências sócioculturais. Mostraram fotografias como registros de tempos passados.

Eu nasci professora, para ser professora por toda a vida. Minha família sempre me apoiou, e tive muita compreensão dos meus professores, e hoje, dos meus colegas...

Compreender o cotidiano da vida escolar significa conhecer a familiaridade das ações e de sua prática, ações essas que dão forma à construção do real. Ao buscar conhecer o sentido da cotidianidade, buscam-se conhecer os modos como as interações sociais se estabelecem no dia-a-dia. As lembranças se atualizam na trajetória de cada um.

Segunda Categoria: Trabalho Docente: A formação que se atualiza

Ao longo da vida, no confronto com a prática profissional é comum ouvir dos professores referências a dificuldades, tais como mudanças de escola, doenças, dentre outras. São vicissitudes que permeiam o cotidiano de todos os seres humanos. Nessa esfera a força do *homo sapiens* se evidencia. O *faber* está sempre presente, retomando o texto anterior. O *sapiens* entra na esfera da criação. Criar envolve o contato com a tensão, e é da tensão que emerge a criação. A partir dessa compreensão é possível ressignificar práticas profissionais criativas e os elos com a própria vida cotidiana, na qual o trabalho se insere. Compreende-se o trabalho docente como um campo social, no qual as interações tanto favorecem, quanto dificultam as atividades de aprendizagem. Concebe-se o conhecimento como sendo uma construção, na qual estão implícitas rupturas, continuidades e descontinuidades, percebendo as ciências em seu processo, sempre em vias de se fazerem. Nesse sentido, no ponto de partida dos fundamentos teóricos está a historicidade; no ponto de chegada estão a interdisciplinaridade e a centralidade da linguagem. Como sujeitos que se comunicam, os professores revelam que, no cotidiano da escola o isolamento do professor pode ser real. Parece existir compartilhamento, mas não existe, ou existe raramente. Professores de um lado, direções do outro. Muitas imposições, muito esforço, tudo isto vinculado às demandas da própria vida, na qual as compensações econômicas são também necessárias. É possível evidenciar essas afirmativas nas verbalizações de alguns professores, participantes da pesquisa:

Eu perdi minha motivação quando perdi minha mãe. Faz mais do que dez anos... Busquei companhia no trabalho, mas só encontrei cobranças...

A escola não disponibiliza recursos para trabalhar com ensino de qualidade. Não há equipamentos, não há material...

Professores de um lado, nem saindo

da sala nos intervalos, e a direção, as coordenações de outro lado. Há raros momentos de diálogo. Os alunos fazem poucas leituras, escrevem mal, e as famílias deixam essas coisas de lado. A escola deve assumir a educação...

Eu não sei mais o que é ser professor: tem que ser pai, mãe, tudo, porque todos lavam as mãos: os pais não dão limites, e os professores passam a ser os responsáveis pela educação da criança. Sempre que posso, me afasto, porque não lido bem com essas coisas.

Terceira categoria: Cognição, memória, linguagem e conhecimento: tramas e desafios.

Os professores participantes da pesquisa referiram que investir na formação é uma necessidade evidente em nossos tempos. Saber, conhecer e ensinar insere demandas contínuas por novos domínios. Trata-se de um processo em movimento, dinâmico. Exige a ativação da atenção, leituras, atualização, sensibilidade, criatividade, domínio da linguagem. Conhecer implica ter disponibilidade contínua, o que nem sempre ocorre. As rupturas decorrentes de muitas questões, como a desqualificação, os baixos salários, algum sofrimento decorrente das vicissitudes da vida, dentre outras muitas vezes acarretam a desmotivação para investir na busca de novos conhecimentos. Há programas de capacitação, mas nem sempre os professores estão preparados para os mesmos. Na realidade, a formação humana e a formação profissional se entrelaçam, pois exigem disponibilidade e representam desafios permanentes. Em nossos tempos parece fácil proferir o discurso da formação, da necessidade de novos domínios tecnológicos. Mas, por que é tão difícil falar sobre formação humana? Na realidade, trata-se de uma trama intrincada, que integra o conhecimento, a busca de novos domínios com a afetividade, as interações sociais. Algumas verbalizações dos participantes incluem estas questões:

Sei que preciso estudar mais. Sinto falta. Gostaria muito de me especializar, mas não posso parar, porque tenho outras necessidades...

Alguns colegas estão cursando o mestrado. É um desejo meu também, este de poder aprender a pesquisar e melhorar meu próprio trabalho na escola.

Os cursos de capacitação são muito técnicos, tem uma apostila, mas isto é pouco. Não há uma preocupação com o professor, somente com o que ele deve saber.

Uma dissociação entre formação profissional e humana cinde o sujeito de seu próprio tempo e fragmenta o conhecimento. Tanto a formação permanente, como a formação profissional e a humana passam por continuidades e rupturas, mas integram, configuram e alteram projetos de vida. É necessário voltar o olhar para a formação do professor que, em muitos casos não coincide com as demandas atuais. Muitas vezes, o sentido do cotidiano transforma-se em um entrave para o professor porque, ao questionar, seus problemas refletem-se na realidade, e tudo fica ainda mais difícil para ser suportado. Há necessidade então, de procurar o sentido da realidade contido no cotidiano, já que o universo desse cotidiano necessita ser desvelado, e isso se constitui em um desafio para o professor, uma vez que desacomoda. Coloca em ação os processos perceptivos e criativos que configuram ritmos cognitivos. Por isso mesmo, são significativos.

Considerações Finais

A formação humana nunca é linear, e isso quer dizer também que não existe sempre uma explicação apenas racional para os acontecimentos. Em algum momento da existência, cada ser humano convive com algum tipo de inquietação para a qual não encontra respostas imediatas. Pode gerar sofrimento, que é mais ou menos intenso para uns e outros. É possível constatar estas questões visitando os livros, a vida e obra de tantos teóricos e pensadores. O cotidiano é permeado por incertezas e desafios e a vida em sociedade, o exercício do trabalho exigem pessoas solidárias, pacientes e tolerantes, para acompanhar o ritmo intenso do progresso e o modo apressado de vida que caracteriza nosso tempo. Os professores encontram novos desafios e outras imagens no cotidiano da escola, além daqueles que já se configuraram como uma rotina. Decorre dessas questões que, uma dissociação entre formação profissional e humana cinde o sujeito de seu próprio tempo e fragmenta o conhecimento. Tanto a formação permanente, a formação profissional, quanto à formação humana passam por continuidades e rupturas, mas integram e configuram projetos de vida. É necessário então, voltar o olhar para a formação do professor que, em muitos casos não coincide com as demandas atuais. Encontrar os vínculos entre tempo e ensinar, tempo e aprender resulta familiar aos coletivos docentes. Encontrar os mesmos vínculos entre tempo e formação do ser humano resulta distante. A dificuldade está na falta de familiaridade com a formação. Será, então, que a formação é estranha à docência? Por que será, se educação e formação sempre caminharam tão próximas? Sabe-se bastante sobre o que, como ensinar, mas sabe-se pouco sobre a formação humana: professores e alunos como sujeitos totais, éticos, culturais, estéticos, afetivos. Para esses saberes a linguagem é essencial, posto que permite a comunicação, tanto de lembranças, quanto do cotidiano. Há professores que sofrem agressões de alunos, e suas memórias são acionadas pelas lembranças de um tempo da formação em que estes fatos estavam distantes da escola. Ou seja: podem lembrar e comunicar, ou calar-se e entrar em confronto com as lembranças e com a realidade. Nesses casos pode-se dizer que a identidade oscila, e a autoestima vacila. Nossos estudos, bem como os dados da pesquisa assinalam para algumas questões importantes, presentes no cotidiano de professores, ao identificar significados que reportam o professor a períodos iniciais da vida, as lembranças. O contato com crianças e jovens também é desafiador. Falta uma visão integrada de ser humano em cada fase da vida. Os pais delegam parte de seu papel aos professores, e esses não estão preparados para tantos desafios. Entretanto, cumpre salientar que esta é uma análise, dentre outras possíveis diante dos dados coletados. A literatura existente sobre formação de professores inclui referências a técnicas, domínios didático-pedagógicos, mas esquece o sujeito professor. Alguns autores referem-se às questões de sensibilidade, de experiências afetivas. As teorias críticas escrevem sobre a importância da cultura. Na realidade, falta uma perspectiva interdisciplinar nos cursos de formação docente. Não se desconsidera a necessidade de novos domínios teóricos, técnicos e práticos, mas a formação e a capacitação continuada devem contemplar momentos de investimento no ser humano, nos

diálogos com professores onde a linguagem é essencial, e nas interações sociais o trabalho deve vincular-se ao prazer, à busca de realização pessoal e de crescimento como ser humano. Insere dimensões cognitivas e afetivas. Mas, o trabalho também exige comprometimento. São relações importantes para o professor que lida diretamente com a formação de pessoas, com o ensino, que envolve a linguagem, a aprendizagem. A formação docente contempla um movimento dinâmico, que se insere na história de cada professor, e que interfere em suas interações com o outro, com os alunos, com o objeto de estudo de sua formação, configurando linguagens e representações. A capacidade de lidar com representações possibilita ao professor libertar-se do espaço e do tempo presentes, efetuar relações mentais na ausência das coisas, imaginar, planejar intencionalmente. Essa dinâmica é subjacente à cognição humana. As representações mentais são na realidade, os principais mediadores a serem considerados nas interações do homem com o mundo, com a realidade. O imaginário cumpre um papel de relevância nesta direção, assegurando a marca pessoal, que está inserida na vida de cada um. Ensinar e aprender exige abertura, espaços e tempos. Fluxo contínuo de ser e de estar no espaço: presença de vida. Nas histórias de vida escritas pelos professores participantes da pesquisa, tanto as imagens ligadas a períodos primitivos, como a escolha dos cursos e a profissão ocupam espaços significativos. Muitos dados foram evidenciados, expressos em linguagem de muitos fios. As histórias não são ilustrações de idéias, mas espaços de reflexão, concretização de idéias. Além de possibilitar encontros com lembranças, convidam cada participante a escrever outro texto em sua existência, contemplando outras interações com o trabalho e com as pessoas. Assim, as percepções não são permanentes, podem ser modificadas, assim como o conhecimento implica sempre em novas construções, o que justifica a continuidade da pesquisa sobre formação de professores.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAKHTIN, Mikkail. **Freudianism:** a Marxist Critique. Nova Yorque: Academic Press,1976.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BENJAMIN, Walter. Magia-Técnica, Arte e Política. IN: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987. V.1.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sara. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma Introdução à Teoria e aos Métodos**.** Portugal: Porto Ed., 1994.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem:** Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**.** Campinas: Papirus, 1994.

KRAMER, Sonia. **Por entre as Pedras:** Arma e Sonho na Escola**.** São Paulo: Ática, 1993.

LURIA, Alexander. **Memória e Pensamento.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PASOLINI, Píer Paolo. **Os Jovens Infelizes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **Psicologia da Criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1974.

REGO, Cristina. L.**Vygotsky:** uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

VASCONCELLOS, Mario S. (Org). **Criatividade.** São Paulo: Moderna, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____ . **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____ . **La Imaginación y el Arte en la Infancia.** Madrid: Akal, 1996.

_____ . **A Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **Objectivos y Métodos de la Psicologia.** Portugal: Estampa, 1979.